

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÊNEROS: A GUERRA NO CINEMA
PARTE II - OUTRAS VISTAS DO CAMPO DE BATALHA
18 e 25 de maio de 2023

KANAL / 1957 (*Morrer Como Um Homem*)

um filme de Andrzej Wajda

Realização: Andrzej Wajda / **Argumento:** Jerzy Stefan Stawinski, baseado na novela "Os Esgotos" / **Fotografia:** Jerzy Lipman / **Música:** Jean Krenz / **Décors:** Roman Mann / **Montagem:** Halina Nawrocka e A. Rut / **Interpretação:** Tadeusz Jancza (Korab), Teresa Izewska (Marguerite), Wienczyslaw Glinski (Zadra), Tadeusz Gwiazdowski (Kula), Teresa Berezowska (Halinka), Emil Karewicz (Madry), Stanislaw Mikulski (Smukly), etc.

Produção: Stanislaw Adler para a "Associação de Autores e Realizadores 'Kadr'" / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, legendada em português, 81 minutos / **Estreia Mundial:** Festival de Cannes, Maio de 1957 / **Estreia em Portugal:** Cinema Estúdio, a 27 de Junho de 1974.

Alguns críticos usam a expressão "trilogia" para caracterizar as três primeiras obras de Wajda: **Geração, Morrer Como Um Homem e Cinza e Diamante**, datadas respectivamente da 1954, 1957 e 1958. A designação compreende-se se se considerar que esses filmes se ocupam numa geração polaca (a que tinha mais ou menos vinte anos quando a guerra acabou) e a retratam em pleno conflito (**Geração**), no fim da guerra quando dos sangrentos acontecimentos de 1944 (**Kanal**) e na hora da libertação (**Cinza e Diamante**).

Geração é anterior à relativa "abertura" política polaca de 1956 e foi, de certo modo, a obra precursora da nova escola do cinema polaco que tanto deu que falar nos anos 50. Pela primeira vez, se falava da resistência sem lhe esconder as sombras e as dúvidas, retratando homens e mulheres de corpo inteiro, e não heróis fixados para a eternidade. Pela primeira vez, o retrato era amargo e não empolgante, feito de experiências e não de "slogans". Sucede até que muitos que a viram guardam uma certa preferência por essa obra, onde encontram uma frescura que lhes parece não ter tido tão plena continuidade na obra de Wajda.

Com **Kanal** estamos em 1944 e na célebre insurreição de Varsóvia. Vale a pena recordar os acontecimentos.

Foi às cinco em ponto da tarde do dia 1 de Agosto de 1944 que 40.000 resistentes polacos pegaram em armas para libertar Varsóvia dos alemães. Estes, desde a histórica batalha de Estalinegrado (Novembro de 1943) que vinham sendo batidos em toda a linha na frente oriental. Nos princípios de 1944, os alemães foram expulsos do território soviético e as tropas russas começaram a caminhar para Berlim, sacudindo os nazis do território polaco. No verão, os russos estavam a cerca de 20 quilómetros de Varsóvia, do outro lado do Vístula. A ocasião parecia, pois, propícia para tentar um levantamento, que, se durasse algum tempo, tinha teoricamente todas as probabilidades de contar com o apoio dos soviéticos.

Mas houve outras razões mais imediatamente políticas. O governo polaco exilado em Londres, de raiz liberal e sem qualquer simpatia pelos soviéticos, temia para o futuro as consequências de uma libertação de Varsóvia pelos russos.

Tudo seria diferente, pensava-se, se a capital polaca fosse libertada pelos próprios polacos, obedecendo a precisas instruções deste governo. Por isso, o General Borkomorowski, comandante do exército secreto polaco, deu a ordem. Mesmo que os russos não interviessem, contava com o apoio aéreo da RAF que – pensava – não assistiria passivamente à sufocação da revolta.

Todos se enganaram, tragicamente: a revolta durou dois meses (a capitulação foi assinada a 2 de Outubro de 1944), e durante todo esse tempo em que os polacos se bateram com extremos de heroísmo, ninguém os auxiliou: os russos mantiveram-se estacionados a 20 Kms da cidade (só entraram em Janeiro de 1945, quando tudo estava consumado), nenhum avião inglês apareceu. À sua custa, os polacos aprenderam o espírito de pré-Ialta, em que certos dados estavam lançados e ninguém ia violar fronteiras predeterminadas. À sua custa, e de que maneira: cerca de 20.000 mortos do lado dos resistentes e a destruição total da velha cidade, da qual não ficou pedra sobre pedra. A Wehrmacht utilizou os seus últimos recursos (artilharia pesada, aviões) e no último mês os insurrectos refugiados nos esgotos, para escapar ao cerco, lutaram quase corpo a corpo, numa das carnificinas mais impressionantes de que a história da última guerra conservou memória.

Varsóvia, 1944 foi um acontecimento que se gravou fundo na memória colectiva dos polacos. Se muitos falam de traição, outros acentuam o heroísmo inútil, tónica, por exemplo do célebre filme de Munk: **Eróica**. Foi a propósito deste que o crítico polaco Jerzy Plazewski escreveu: "A desilusão acerca dos ímpetus patrióticos inconsiderados foi a única bagagem que trouxemos da última guerra (...) Pagámos caro para poder rever o tradicional 'polish standard of death' e para que os artistas dele tirassem as conclusões necessárias".

Se o tom de **Kanal** está nos antípodas do da **Eróica** (nenhum sarcasmo perpassa no filme de hoje) o pessimismo é contudo idêntico. **Kanal** é uma descida aos infernos, um retrato sem complacência nem meias tintas do que foi a terrível odisseia dos esgotos. E é também um filme sobre o absurdo da guerra, que traz implícita a condenação dela por aqueles que, inutilmente, sacrificaram a vida e a dignidade por uma causa perdida.

O filme alcançou grande sucesso no ocidente (prémio especial do júri em Cannes, em 1957) e consagrou Wajda.

Morrer Como Um Homem é sobretudo a construção dum espaço claustrofóbico e a tragédia dos homens acoitados nos esgotos, presos numa ratoeira, da qual não têm possibilidades de sair. Todas as evasões se malogram, mesmo a de Zacha e Kula, pois que o primeiro, após ter executado o traidor, regressa ao mundo subterrâneo onde todos os seus companheiros ficaram.

Na construção desse espaço, Wajda faz jus ao seu tão falado "expressionismo" (embora se possa dizer que o "décor" quase obrigatoriamente a tal o forçava) com um uso da iluminação e dos contrastes de luz e sombra em que prevalece a sua formação plástica. Uma vez nos esgotos, o tom inicial do filme (que não deixa de evocar certas obras do neo-realismo) muda consideravelmente para, utilizando lições dos alemães e do realismo poético francês, se situar no oposto do realismo, numa atmosfera em que o fantástico se volve pesadelo, e o "décor" determina a acção.

Filme sobre um espaço cerrado e agónico, **Kanal** é o filme da compressão e do desespero.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico